

TEM A PALAVRA... FRANCISCA MACEDO

GIVING THE FLOOR... FRANCISCA MACEDO

TIENE LA PALABRA... FRANCISCA MACEDO

1. BREVE BIOGRAFIA | BRIEF BIOGRAPHY

Maria Francisca Macedo é professora do ensino básico e autora de livros infantojuvenis (Booksmile autores, s/ data). O seu trabalho foi reconhecido pelo Global Teacher Prize Portugal 2018, com uma menção honrosa pelo contributo para a educação e sustentabilidade social, e os seus livros são um reflexo da sua criatividade, também eles reconhecidos pelo plano nacional de leitura e pela CiênciaViva, no catálogo ler+ciência. Para além da educação, procura aprofundar conhecimentos na área da leitura e das histórias, tendo concluído uma pós-graduação em Livro Infantil em 2019, ano em que também foi galardoada com o prémio Maria Rosa Colaço para a melhor obra infantil inédita. Atualmente escreve, dá formação e percorre as escolas, de norte a sul do país, para encontros e workshops: altura em que se cruza com as diferentes realidades e vontades do ensino em Portugal.

Maria Francisca Macedo is a primary school teacher and author of children's books. Her work has been recognized by the Global Teacher Prize Portugal 2018, with an honourable mention for her contribution to education and social sustainability. Her books are a reflection of her creativity, also recognized by the national reading plan and CiênciaViva, in the catalogue ler+ciência. In addition to education, she seeks to deepen her knowledge in the area of reading and stories, having completed a post-graduate course in Children's Books in 2019, the year in which she was also awarded the Maria Rosa Colaço prize for the best new children's book collection. She currently writes, trains teachers and travels through schools, from north to south of the country, for meetings and workshops: a time when she comes across the different realities and wishes of teaching in Portugal.

2. BREVE DESCRIÇÃO DO SEU PRINCIPAL PROJETO

O projeto do *Clube dos Cientistas* é o de uma coleção de livros pensados para o jovem leitor, potenciando a sua autonomia na leitura, mas também capacitando-o para o pensamento crítico e o método científico. Cada volume é uma aventura em que um conjunto de personagens resolvem um mistério com recurso a experiências/truques e conhecimentos. No final de cada livro encontram-se protocolos experimentais (informais, que privilegiam a experimentação, criatividade e manipulação de variáveis). É também aí que se encontram curiosidades e enquadramentos teóricos (dicas para pais e professores), tentando provocar a

transdisciplinaridade e apoiando o adulto no seu papel de orientador do jovem leitor nas suas descobertas.

Associado a esta coleção, Maria Francisca tem também trabalhado com diversas escolas e agentes educativos, em workshops, palestras e formações, provocando e capacitando os alunos e comunidade educativa no processo de descobrir, experimentando.

3. ENTREVISTA

1 – Atualmente é uma professora e autora reconhecida e premiada pelo trabalho singular que tem desenvolvido em prol dos alunos e da comunidade. O que a motivou a combinar histórias e ciência e quando tal começou?

Eu acho que começou em sala de aula, com as crianças. Eu trabalhava numa vertente de ensino muito formal e apercebi-me que o ensino formal tem as suas fragilidades. Para as colmatar, fui criando estratégias e incorporando ferramentas de outras metodologias, que não a tradicional, para usar nas minhas aulas. Acabei por perceber que essa fusão funcionava muito bem. Havia duas coisas que os alunos adoravam e que os motivava muito: uma era poderem ser criativos, ou seja: poderem construir, pensar e debater; a outra era poderem experimentar as coisas com as próprias mãos. Foi neste contexto que surgiu a ideia de juntar histórias e experiências. Começou em sala de aula, em pequena escala, e depois foi crescendo e acabou por ser catapultada para uma coleção de livros.

Quando comecei a escrever o primeiro livro o projeto estava muito claro na minha cabeça porque já tinha sido experimentado em sala de aula. Já tinha testado o que é que funciona, o que é que não funciona e já tinha recebido feedback das crianças. Inclusivamente, cheguei a experimentar em turmas de outros professores para ensaiar algumas destas ferramentas e depois foi só estruturar muito bem a história e as experiências. O receio estava em perceber se uma editora, dita comercial, que tivesse uma distribuição comercial, queria pegar na ideia. Mas era importante para mim este lado comercial, para que pudesse chegar a todos facilmente, em qualquer livraria ou supermercado, e não apenas a sectores especializados ou privilegiados.

Felizmente, este projeto editorial foi bem recebido, apesar dos receios iniciais, pela editora e posteriormente, quando saiu para o mercado, pelos alunos, pelos professores e pelos pais.

2 – Nos seus livros, as experiências ocupam cerca de um terço do total de páginas, portanto têm um peso importante. Como liga a história de cada um dos seus livros com as experiências que propõe nesse mesmo livro? Pensa primeiro na história e depois nas experiências, ou é de outro modo? Tem algum critério para inserir determinadas experiências e não outras?

Começo pelo fim. Existe um critério muito claro na escolha das experiências. A ideia é trazer para a casa dos leitores experiências que não impliquem custos de aquisição de material e, portanto, sejam simples de fazer. O critério é propor experiências que usem material que esteja disponível em casa, que sejam seguras de fazer e que possam ser feitas com autonomia. Tem que ser tudo com o material que existe em casa, sem material nem ingredientes específicos de laboratório (por exemplo copos, talheres, pratos, água corrente, farinha, fermento). As experiências mais estruturadas e formais têm de ser adaptadas para que possam ser feitas em casa sem instrumentos de medida e sem grandes preciosismos.

O processo criativo na escrita de um livro inicia-se com a escolha de um tema ou área científica. Paralelamente, pensando à volta do tema, faço um levantamento de experiências interessantes que estão relacionadas com o tema. Começo a pensar como é que seria interessante estruturar uma aventura, o local, o perigo que pode estar associado a este tema e que que desafios (na forma de experiências) é que podem surgir. As duas componentes acabam por se ir ligando uma à outra. No processo existe uma seleção de experiências que vai sendo afinada e algumas são retiradas. Há experiências que são muito inteligentes, mas não muito interessantes porque não ajudam a resolver nenhum desafio, ou seja, não são importantes para o enredo da história. A história continua a ser, apesar de tudo, o grande foco do livro. Muitos leitores leem só a história do livro e folheiam as experiências, mas não avançam logo para elas. Portanto a história só em si tem de ser interessante, tem que ter algumas curiosidades, algumas dicas, alguma provocação que seja o ponto alto do livro. O que acontece muitas vezes é que os leitores, passado uns tempos, repararam que tem os ingredientes à mão e avançam fazendo as experiências.

3 – Uma das suas atividades é fazer formação para professores tendo por base os seus livros. O que é que destaca desta sua experiência? De que modo os professores acolhem as experiências e a histórias? Na sua opinião o que é que mais preocupa os professores?

Neste momento assiste-se a uma mudança de paradigma na educação. Todavia, ao mesmo tempo que estamos todos a pensar a educação, em novas estratégias e o que é que vale a pena ser mudado, continuamos a ensinar. Existe da parte do corpo docente uma vontade enorme de ser estimulado, de investigar, de perceber novos caminhos, mas ao mesmo tempo um certo cansaço devido a todas as necessidades burocráticas e curriculares que que lhe são impostas. O maior desafio que as pessoas me colocam sempre, é: como é que é possível que isto tudo que é fantástico [as histórias e as experiências] ... como é possível transportar para sala de aula? Ou seja, a preocupação dos professores é saberem como podem investir nestas experiências e ao mesmo tempo fazer os testes, verificar que certo item do currículo foi cumprido, certificar nos cadernos todos os conteúdos e escrever os sumários. Os professores mais instalados preferem uma resposta imediata e para esses casos tenho uma tabela (Macedo, s/ data) que faz as ligações entre tópicos do currículo com os diferentes aspetos de cada livro (experiências e os assuntos abordados na história). Há professores que querem uma resposta mais aberta onde tenham mais margem de liberdade no modo como usam os livros e fazem a integração curricular.

4 – Tem também contato com outras crianças que não apenas os seus alunos. Qual é o papel da Ciência na vida das crianças que passam pelas suas mãos? Manifestam mais interesse pelas histórias ou as pelas experiências? Como reagem às experiências que propõe? O que aprendem com elas?

Eu trabalho com muitas escolas diferentes. Em geral, passo um dia com as crianças de uma dada escola e nunca mais volto a ter contacto com eles, embora mantenha a relação com os professores antes e depois desse encontro. Com os professores há um trabalho ao longo do tempo. Às vezes os professores trabalham com os alunos num projeto relacionado com um ou mais livros da coleção durante um período inteiro ou um ano inteiro e esse projeto é orientado à distância por mim, sempre que haja essa vontade. O feedback que tenho dos alunos é através dos professores. A relação que estabeleço com os alunos é mais imediata. É engraçado estar ali um dia a ver aquela fascinação toda e depois partir e deixar na mão dos professores o resto do trabalho. Sei que os deixo motivados, curiosos e em boas mãos.



Figura 1 Francisca Macedo em atividades experimentais com alunos do Ensino Básico

Há um contacto estruturado com as escolas, mas depende da necessidade de cada escola e depende da forma como é estabelecido o contacto. Muitas vezes o contacto é feito diretamente através da editora, quando pedem um encontro de autor. Neste caso estamos perante uma situação um bocadinho mais informal e eu aproveito essa presença para deixar aos professores os meus contactos e mostrar-me disponível para apoiar a criação de um projeto. Noutros casos, estabeleço contactos diretamente com as escolas ou através de parceiros com quem trabalho. Nestes casos o trabalho é mais estruturado e mais preparado. A minha participação presencial acaba por ser mais no meio ou no fim do projeto, dependendo da escola. Muitas vezes usamos um livro específico de acordo com a escola e o tema que estão a tratar. Por exemplo se estão a trabalhar o mar faz sentido juntar-me essa escola com uma aventura sobre ecologia marinha, mas com uma maneira diferente de olhar as coisas. Muitas vezes os professores escolhem um livro e leem os primeiros capítulos em turma com os alunos. Em muitas escolas, aderem a fazer uma ou duas experiências em sala de aula e são os próprios alunos a organizar-se em grupos e a mostrar uns aos outros o que vão fazendo e depois, dependendo das escolas, no fim, juntam as turmas todas e organizam pequenas feiras de ciência. Outras escolas preferem adotar os livros para concursos de leitura.

A coleção foi pensada para provocar dois tipos de crianças. Por um lado, provocar aqueles que são passivos: os que normalmente são leitores que se sentam no cantinho, que se excluem da experimentação e que gostam de ler, de pensar sobre os assuntos, mas não fazer as experiências. Por outro lado, foi pensada para aqueles miúdos que dizem não gostar de ler, que gostam de pôr as mãos na massa, sujarem-se e brincar no recreio. O feedback é que esta coleção está a cumprir o seu papel: está a conseguir atrair miúdos muito ativos, e que gostam de experimentar, para a leitura e, por outro lado, estamos a conseguir levar leitores natos para o mundo que os rodeia.

5 – Em que medida considera que contribui para as crianças ficarem preparados para lidar de forma racional e informada com os problemas sociais com os quais somos confrontados como, por exemplo, a emergência climática e o Covid 19?

Eu acho que o meu papel, enquanto autora dos livros, e o papel de qualquer professor é potenciar no aluno o pensamento crítico. E o pensamento científico é muito um pensamento crítico. Quando estamos a trabalhar com os alunos todas estas vertentes estamos a capacitá-los para duvidar, perguntar, experimentar, perceber muito bem quais são as fontes fidedignas ou

não. São ferramentas mentais que os capacitam, em circunstâncias como esta, a olhar criticamente para o que está a acontecer e agir racionalmente, não se deixando levar pela desinformação, que é um problema grave que tende a agudizar situações problemáticas. Sabendo evitá-lo, pensando criticamente, os jovens conseguem ser construtivos na resolução desses problemas.

4. PARA SABER MAIS...

100 Oportunidades (s/ data). *Maria Francisca Macedo*. Acedido em 17 de abril de 2020, em: <https://www.100oportunidades.pt/pessoas/maria-francisca-macedo/>.

Booksmile autores (s/ data). *Maria Francisca Macedo*. Acedido em 17 de abril de 2020, em: <https://www.booksmile.pt/autores/maria-francisca-macedo>.

Prémio Literário Maria Rosa Colaço (2019). *Literatura infantil - Maria Francisca Macedo*. Acedido em 17 de abril de 2020, em: <https://www.youtube.com/watch?v=HLyK3hJpKfU>.

Macedo, M. F. (s/ data). *Relação entre os livros e os conteúdos de Estudo do Meio (1.o Ciclo)*. Booksmile. Acedido em 17 de abril de 2020, em: <https://drive.google.com/file/d/16Kq-IHyWWyqXaSMOyqCbibZJkoYAFFqx/view>.

Booksmile Catálogo (s/ data). *O Clube dos Cientistas*. Booksmile. Acedido em 17 de abril de 2020, em: <https://www.booksmile.pt/catalogo/leitura-infantil-7-9/o-clube-dos-cientistas>.

Global Teacher Prize Portugal (2018). *Finalista - Professora Maria Francisca Macedo – Lisboa*. Acedido em 17 de abril de 2020, em: <https://www.youtube.com/watch?v=XTbzufTi3sg>.

Ler+Ciência (2018). *O Clube dos Cientistas (coleção de 10 títulos)*. Acedido em 17 de abril de 2020, em: https://www.cienciaviva.pt/livrosquequeremosler/index.asp?acao=showbook&id_book=160.